

Parte III: emoções, instituições e trabalho

Trajетórias e emoção em uma instituição tecnocientífica argentina¹

Ana Spivak L'Hoste*

Resumo

A emoção é um campo de estudos complexo. Este texto apresenta elementos do debate sobre a sua abordagem teórica, empírica e disciplinar a partir de um recorte de material de terreno específico: entrevistas de trajetórias de pesquisadores que trabalham em uma instituição argentina de formação e produção de conhecimento científico e tecnológico. O texto colocará o foco nos termos que falam sobre emoções e nas narrativas que as exprimem. A hipótese é que esses termos e essas narrativas da emoção se constituem ferramentas analíticas para aprofundar a reflexão sobre as dinâmicas sociais que interpelam esses profissionais assim como sobre identidades ligadas ao trabalho, às experiências geracionais e aos contextos socioeconômicos e políticos específicos que eles habitam.

Palavras-chave

Emoção. Trajetórias profissionais. Ciência e tecnologia.

Abstract

Emotion is a complex study field. This text presents elements on the debate regarding its theoretical, empirical and disciplinary approach based on a snap of a specific field material : Interviews regarding the trajectories of researchers who work in an Argentinian institution that creates and produces scientific and technologic knowledge. The text will focus on terms

* Ana Spivak L'Hoste é pesquisadora do CONICET no Centro de Investigaciones Sociales (CIS / CONICET / IDES). É antropóloga e mestre em Ciência e Tecnologia pela Universidad de Buenos Aires (Argentina) e doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas. Trabalha há dez anos, sob uma perspectiva etnográfica, com temas ligados à produção de ciência e tecnologia na Argentina, com foco nas trajetórias profissionais e dinâmicas institucionais nas áreas nuclear e de nanotecnologia. Sua produção acadêmica inclui, além de artigos em revistas especializadas, a publicação de sua tese de doutorado - *El Balseiro, memoria y emoción en una institución científica argentina* - na coleção "La otra ventana". Email: anaspivak17@yahoo.com.ar.

¹ Texto originalmente em espanhol. Tradução de Maria Claudia Coelho.

that talk about emotions and the narratives that carry them. The hypothesis is that these terms and narratives of emotion are constituted in analytical tools to deepen the reflection regarding social dynamics that permeate these professionals, as well as regarding identities connected to their work, their generational experiences and the specific socioeconomic and political they inhabit.

Keywords

Emotion. Professional trajectories. Science and technology.

Introdução

“Estas coisas científicas, precisas, de alta tecnologia, também necessitam da paixão e do coração para serem levadas adiante. Agradeço em nome de todos os argentinos pelo que fizeram nesses 60 anos da Comissão Nacional de Energia Atômica. Muito obrigada e parabéns”.

[Discurso da presidente Cristina Fernández de Kirchner por ocasião do 60º. Aniversário da Comissão Nacional de Energia Atômica].

Se houve algo que me chamou particularmente a atenção na experiência etnográfica que desenvolvo em âmbitos distintos da instituição responsável pela produção de conhecimento e tecnologias na área nuclear na Argentina – a Comissão Nacional de Energia Atômica (doravante CNEA) –, foi a emoção que perpassava as práticas e discursos dos quais fui testemunha. Tanto nas entrevistas que realizei com membros da instituição quanto nos eventos que presenciei nos últimos 10 anos, a carga emotiva – tão *a priori* estranha, segundo a epistemologia positivista clássica, à produção de conhecimento e objetos de base tecnocientífica de que se ocupa a CNEA – foi contundente.

É evidente que haveria emoção presente. São homens e mulheres que integram essa instituição e a conduzem no dia a dia. Homens e mulheres cujas experiências de trabalho e de vida estão situadas em uma dinâmica institucional por eles mesmos simultaneamente produzida, nas relações que a configuram e nas políticas e decisões que a sustentam. Homens e mulheres que por ela transitam, que a significam, experimentam e sentem. Pois bem, a evidência do emocional na instituição, mostra de uma condição,

por assim dizer, universal da emoção no universo humano, não deve nublar seu interesse como ferramenta de análise. Pelo contrário, minha experiência com ela, com a emoção do outro, que muitas vezes se torna minha própria, inspira a refletir sobre seu sentido e sobre seus efeitos nessa dinâmica particular.

Os 60 anos da CNEA, instituição criada em 1950 com as finalidades de coordenar as atividades relacionadas à área nuclear e de assessorar o Estado argentino nesse assunto, ensejaram uma série de eventos, homenagens e discursos. Entre eles, está o discurso da presidente da nação que abre este texto. Outra ação comemorativa foi a elaboração de um vídeo institucional resumindo a trajetória da instituição e, com ela, as trajetórias de alguns de seus funcionários de várias áreas: sedes administrativas, centros de investigação e desenvolvimento, unidades regionais, institutos de formação e empresas. Os seguintes fragmentos foram retirados de testemunhos registrados com esses fins².

“Digo às novas gerações que continuem a trabalhar com a mesma vontade, vestindo a camisa como nós fizemos.

A casa, como a chamo, como creio que a chamamos todos os que amamos a CNEA, todos os que vestimos a camisa da CNEA, que a amamos.

A CNEA é tudo, me deu um monte de coisas para que me desenvolvesse na vida.

A CNEA é de certo modo o pouco que sou em grande parte é o que me deu a CNEA e estou sendo totalmente sincero.

É um sentimento, é um grande sentimento esse que tenho pela CNEA”.

Cada uma dessas frases, enunciadas em contexto de filmagem ainda que sem roteiro discursivo ou corporal definido, comove. O que comove? Comovem os termos e metáforas que as compõem. E comovem também – ainda que seja mais difícil descrevê-los em palavras – os gestos, o tom e as modalidades daqueles que as enunciavam. A quem comovem? Comovem, por um lado, muitos membros da instituição, aqueles que as pronunciam,

² Vídeo disponível em: <http://www.cnea.gov.ar/comunicacion/divulgacion.php> . Acesso em dezembro de 2016.

em primeiro lugar, aqueles que as testemunham, às vezes com os olhos úmidos e sorrisos. Por outro lado, frases e gestos também atingem aqueles que, como eu, assumimos um certo vínculo com a instituição – um vínculo crítico, evidentemente – de natureza externa.

O fato de que o emocional – dos outros ou meu mesmo – tenha atravessado meu trabalho de campo me levou a incluí-lo como entrada analítica dos materiais produzidos a partir dos quais trabalhei as temáticas da identidade, da memória, da comunidade e da política no campo tecnocientífico argentino. Em trabalhos anteriores, abordei-as fundamentalmente em relação com um evento comemorativo ligado à CNEA (SPIVAK L'HOSTE, 2009 e 2010). Aqui, tomarei como base a dimensão emotiva para explorar em profundidade duas entrevistas realizadas no início de minha investigação empírica, escolhidas devido à diversidade de experiências e de marcos contextuais que apresentam. Trata-se de duas entrevistas em profundidade que giraram em torno do relato da biografia profissional, realizadas entre fevereiro de 2002 e julho de 2005 com dois profissionais da CNEA. Dois profissionais com formações próximas e de gerações diferentes, que passavam por etapas distintas de trabalho – e de vida. Os eixos de análise das entrevistas se concentraram, por um lado, na relação entre emoção e pertencimento institucional e/ou posicionamentos identitários (diante da atividade científica, da atividade nuclear, da profissão). Por outro lado, explorarei o modo como a emoção acrescenta informações sobre eventos e contextos que complementam o estudo situado das trajetórias de cada um dos entrevistados, assim como da própria instituição em questão. Uma instituição que congrega diversas atividades relacionadas com o campo nuclear (física nuclear, metalurgia, mineração, construção de reatores de pesquisa e produção de radioisótopos e desenvolvimento de componentes de reatores de potência), bem como diversas linhas de trabalho associadas, como áreas da física básica ou as nanociências. Uma instituição que, além disso, vem sendo objeto de estudo de historiadores (HURTADO, 2005; HURTADO; VARA, 2006 e 2007), cientistas políticos (ADLER, 1987; HYMAS, 2001) ou funcionários da instituição interessados na reflexão política e na reconstrução histórica (SABATO; MARTIN, 1973; MARISCOTTI, 1984; LÓPEZ DÁVALOS; BADINO, 2000, entre muitos outros), mas que até agora pouca atenção recebeu de um ponto de vista etnográfico.

Emotividade e trajetórias profissionais

Aproximar-se do emocional, a partir da etnografia, não é tarefa fácil. A proposta exige uma pesquisa bibliográfica capaz de orientar a análise disto que parece comunicar, além dos sentidos sobre aquilo que se narra ou a eles articulados, emoções. Este levantamento colocou em evidência as várias temáticas e abordagens relacionadas com a análise do emocional que surgiram na antropologia, na psicologia e na sociologia, entre outras disciplinas, a partir dos anos 1970, gerando um campo heterogêneo de debates. Um campo que se voltou, em primeiro lugar, para a compreensão do papel do emocional na vida individual e coletiva, e, em segundo, para a preocupação com os métodos e teorias para fazê-lo (LUTZ; WHITE, 1986).

A antropologia contribuiu para este debate com seu esforço de teorizar, fundamentalmente a partir de experiências e dados produzidos em trabalhos de campo etnográficos, sobre a natureza do emocional. Teorizar sobre sua natureza transcendendo as dicotomias biológico/social, inato/adquirido e individual/coletivo, as quais, entre outras, haviam circunscrito temática e disciplinarmente a análise da emoção. Nessa direção, tiveram início abordagens sobre as formas e manifestações da emoção, seus vínculos com o universo interpretativo e simbólico, as articulações entre pensamento, sensações, afeto e corpo, e os efeitos da emoção tanto sobre a dinâmica social quanto sobre os processos de produção de conhecimento sobre ela. A disciplina elaborou, para fins dessa teorização, diversas revisões críticas e propostas conceituais e metodológicas para estudar a emoção – dos outros e do próprio pesquisador –, gerando um debate que ainda está em curso.³

Em seu texto “*Reflexions sur une anthropologie des emotions*”, Crapanzano (1994) enfatiza a constituição emocional dos discursos. “É evidente que toda enunciação está carregada de uma dimensão afetiva”. E acrescenta que isto se dá ainda que a dimensão “possa ser sublinhada, ignorada, dissimulada ou negada desde o início pelas convenções do discurso ou por uma escolha consciente ou inconsciente” (1994, p.112). Do ponto de vista do autor, todo discurso, enunciado ou palavra está interpelado por uma dimensão emocional que se encontra em estreita relação com o contexto social. Nesse sentido, as categorias que falam da emoção

³ Ver Lutz e White (1986); Rosaldo (1984); Abu-Lughod (1988); Leavitt (1996); Reddy (1997); Le Breton (2004); Ahmed (2004); Surrallés (2005); Harding e Pribram (2009); Lewis *et al.* (2010).

e aquelas que a ela se referem, embora sem sobre ela falar diretamente, representam estados psicológicos, admitindo-se que esses estados possam ser representados, do mesmo modo como expressam relações dos atores com os eventos dos quais participam, com outros atores ou a respeito do meio social no qual interagem.

Retomarei esta última observação de Crapanzano sobre a capacidade da emoção de expressar relações entre atores assim como a respeito dos eventos e contextos que os envolvem, para explorar, nas próximas páginas, o material empírico escolhido: as entrevistas em profundidade com foco nas biografias profissionais de Joaquín e Ariel⁴. Examinarei esses fragmentos biográficos em função das categorias que falem de ou se refiram à emoção envolvendo, conforme afirma Leavitt (1996), tanto significação quanto sentimento. Categorias que condensam experiências vinculadas a marcos contextuais específicos e que informam, por meio delas, sobre esses contextos. Categorias que, enfim, constituem traços observáveis de um complexo que vincula sensações, corpos e pensamentos e contribui para criar e recriar, entre outros efeitos, o efeito de coletivo social (AHMED, 2004).

Joaquín

Joaquín formou-se em Química pela Universidad de Buenos Aires no início dos anos 1960 e começou a trabalhar em uma fábrica de produtos químicos. Quando a empresa faliu, ofereceram-lhe um cargo de professor de Química no Instituto Balseiro, centro de formação da CNEA e da Universidad Nacional de Cuyo situado em Bariloche. Entrou no Instituto como funcionário da CNEA e permaneceu nessa posição até voltar para Buenos Aires, por motivos familiares. Lá trabalhou no Centro Atômico Constituyentes, também pertencente à CNEA, em um projeto ligado a um reator nuclear experimental e, em seguida, na área de metalurgia. Depois de fazer um curso de capacitação na França, voltou para Constituyentes no início dos anos 1970 para trabalhar com o combustível que seria usado pelo primeiro reator nuclear de potência da Argentina. Sua carreira foi voltada para o planejamento do ciclo combustível, ao mesmo tempo em

⁴ Os nomes foram modificados para proteger a identidade de meus interlocutores.

que se envolveu politicamente na instituição. Devido a sua atividade política, durante a última ditadura militar (1976-1983) foi atingido pela lei de dispensabilidade⁵ e se exilou na Itália, onde trabalhou em uma empresa da área nuclear. Em 1983, voltou para Bariloche para ocupar cargos administrativos na empresa de tecnologia INVAP SE⁶.

Fizemos a entrevista em sua casa. Já havia se aposentado da CNEA, ainda que se mantivesse profissionalmente ativo, tendo responsabilidades em uma fundação. Foi durante a entrevista que o vi pela primeira vez. Tivemos uma longa conversa, tranquila e amena, durante a qual foram poucos os aspectos da sua vida profissional que não foram abordados. Sua atitude serena, sem pressa, por vezes sorridente, revelava um interesse em rememorar de maneira cronológica e detalhada – até mesmo os termos tecnocientíficos – aquilo que narrava. Ou, talvez, isso se devesse ao fato de o estar rememorando naquele exato momento. As categorias emotivas perpassaram as várias horas e temáticas sobre as quais conversamos. Estivesse ele falando sobre companheiros de trabalho, projetos de tecnologia nuclear ou questões macroeconômicas, essas categorias estavam presentes. Focarei aqui naquelas categorias que nos falam de sua relação com o trabalho, com a instituição à qual pertencia e daqueles contextos pelos quais passou em sua vida profissional e que se tornam, em larga medida a partir da emoção, significativos.

“O importante é o entusiasmo na prática profissional, a emoção de fazer o que se faz e os resultados que se obtém”. Essa frase de Joaquín, apresentada aqui de maneira introdutória, tem um caráter bem mais conclusivo. Ela resume, na verdade, muitas coisas que contou sobre seus primeiros anos na CNEA, sobre as responsabilidades que teve, os primeiros projetos que foi desenvolvendo, suas mudanças no seio da instituição e sobre as pessoas que tiveram influência nessa trajetória.

“Naquele momento, veja, era um idílio toda essa história de desenvolvimento nuclear e estávamos todos muito entusiasmados

⁵ Entre as muitas medidas autoritárias e violentas do chamado Processo de Reorganização Nacional – a última ditadura militar argentina que, ao fim de oito anos, deixou um saldo de milhares de desaparecidos, mortos e exilados, além de uma aguda deterioração institucional e econômica – a lei da dispensabilidade consistia em um dispositivo de demissão sem justa causa que permitia dispensar do emprego aqueles que eram considerados ativistas.

⁶ INVAP SE é uma empresa sociedade do Estado que tem como acionistas a CNEA e a província do Rio Negro, onde está a cidade de Bariloche e onde fica sua sede principal.

e achávamos que em 10 anos já teríamos um reator rápido em construção”.

Joaquín entrou para a CNEA no começo dos anos 1960. Nessa época, a pesquisa e o desenvolvimento nucleares – ainda ligados às bombas que puseram fim à Segunda Guerra Mundial e aos debates sobre os usos pacíficos dos avanços tecnocientíficos (BUSH, 1945) – estavam no auge em muitos países considerados centrais. Inspirada em seu potencial não bélico – energia, saúde, indústria –, a Argentina, a partir de 1950, incrementou seus esforços na área, incluindo tanto atividades de produção de ciência básica quanto de tecnologia (*design* e construção de reatores de investigação e potência, combustíveis etc.). Essa aposta, da qual se originou a CNEA, reuniu vontades políticas e científicas diversas, mas que concordavam quanto ao valor do desenvolvimento tecnocientífico para o próprio desenvolvimento industrial e o progresso nacional (SABATO; MARTIN, 1967).

Em seus primeiros anos na CNEA, Joaquín foi testemunha desse esforço que ele mesmo descreve como orientado pelo entusiasmo, pela vontade de fazer e de obter resultados, pelo desafio de aprender e avançar em novos campos de conhecimento e de aplicação, de posicionar e de buscar autonomia para o país nesses campos. Fazer parte da CNEA era, para ele, reunir-se em torno dessa vontade, que era sua e de seus companheiros. Pertencer estava ligado a esse clima de *ambição* e à *esperança* – que às vezes o próprio entrevistado reconhece como exagerada – depositada no conhecimento tecnocientífico, em geral, e nuclear em particular.

Seu trabalho, que começou como professor de Química e continuou em uma equipe de pesquisa, variou ao longo do tempo.

“Entrei em crise com a pesquisa, senti que não tinha realmente formação de pesquisador, nunca tinha feito pesquisa, tinha saído da faculdade com enormes lacunas, isso era um peso muito grande pra mim e eu não me via orientando profissionais recém-chegados em projetos de pesquisa, me sentia mal ocupando um lugar para o qual não me achava adequado... em um determinado momento decidi que isso assim não fazia sentido e meio desiludido e como se a essa altura da minha vida e da minha carreira meio que já havia passado o momento de aprender a fazer pesquisa”.

Essas mudanças são narradas, como vemos, em termos de sentimentos. Joaquín não apenas se dá conta das coisas, mas as sente ao compreendê-las e

as expressa nessa relação. Esse sentir, que não se restringe às palavras, já que se reproduz na gestualidade de sua enunciação durante a entrevista – seu rosto se tensiona quando fala de crise, seu tom de voz expressa preocupação e perde o entusiasmo anterior –, não se reduz a uma crise pessoal, mas revela um posicionamento que é tão institucional quanto identitário. Em outro artigo discuti a complexidade da construção identitária, de origem histórica e conflitiva, de uma CNEA que reúne profissionais de áreas diferentes – físicos, engenheiros, químicos, técnicos etc. – e projetos muito distintos quanto à sua envergadura e objetivos – desde desenvolvimentos teóricos até a construção de um reator nuclear (SPIVAK L’HOSTE, 2012). Nesta construção, a crise de Joaquín expressa uma posição a respeito de suas tarefas, bem como em relação à própria instituição: fazendo ciência básica se *sente mal, desiludido*, são outras as tarefas e responsabilidades que o apaixonam. “A organização e o planejamento do ciclo combustível me apaixonavam”.

O ciclo combustível é uma área-chave do desenvolvimento nuclear, sobretudo quando se trata de sua orientação aplicada à produção de energia⁷. Não somente o *design*, a construção e o funcionamento dos reatores nucleares são muito caros e tecnologicamente complexos; a produção e o reprocessamento⁸ de seu combustível também o são. Além disso, neste último caso, há também um problema de natureza geopolítica, uma vez que os procedimentos necessários para produzir e/ou reprocessar o combustível exigem a manipulação de elementos radioativos cuja circulação é rigidamente controlada por tratados internacionais⁹. O desafio

⁷ A tecnologia nuclear tem, além de seus usos com fins armamentistas ou energéticos, aplicações diretas em diversos campos da pesquisa científica, na saúde e na indústria.

⁸ O reprocessamento de elementos combustíveis usados (o combustível dos reatores nucleares de potência, investigação ou produção de radioisótopos) separa os elementos reaproveitáveis (por exemplo, o urânio e o plutônio) dos outros materiais existentes. É um procedimento necessário para, além do resgate de materiais que podem ser reaproveitados, baixar o nível de radioatividade em função do depósito final do combustível.

⁹ A tecnologia nuclear combina usos pacíficos e bélicos. Após as explosões atômicas que puseram fim à Segunda Guerra Mundial, os países que tinham essa tecnologia tentaram restringir e controlar seu desenvolvimento. Com essa finalidade, formularam uma série de tratados internacionais para evitar a proliferação de material atômico e impedir a construção de novas armas. Entretanto, nem todos os países aderiram a esses tratados na época de sua elaboração. A Argentina, por exemplo, argumentando que a adesão a esses tratados impedia o desenvolvimento de tecnologias estratégicas para o desenvolvimento nacional – sempre pensando em usos pacíficos – não assinou e/ou ratificou os tratados até o início dos anos 1990 (Tlatelolco, em 1992, e o Tratado de Não Proliferação / TNP, em 1994).

de dominar o ciclo combustível, um dos principais objetivos da CNEA durante os primeiros anos de Joaquín na instituição, e de alguma maneira seu próprio desafio, se traduz em uma busca por autonomia nas decisões e nos usos da energia nuclear e, por consequência, no desenvolvimento nacional que seria facultado por essa nova energia disponível. Era nesse projeto que estava o lugar – a *paixão*, como ele diz – de Joaquín, e não no laboratório de pesquisa ao qual se havia antes filiado e a cujo funcionamento tinha algumas objeções.

As divergências expressas por Joaquín em relação ao funcionamento do laboratório, divergências que explicitam sua posição a respeito da sua profissão e do seu papel na instituição, não passam pela *paixão*. *Paixão* tem ele por seu projeto, como os investigadores têm em relação a seus próprios projetos. As divergências surgem, na verdade, em torno dos objetivos e dos tipos de trabalho relativos a projetos distintos. Em seu caso, seu compromisso, até mesmo afetivo, com aquilo que faz reside na aplicação à indústria e no desenvolvimento econômico do país, e não, como ocorre com outros dos quais Joaquín se diferencia, na produção de conhecimento por si mesmo, para além de qualquer finalidade específica.

Os fragmentos de entrevista e as categorias destacados nas páginas anteriores explicitam a posição de Joaquín em relação a suas tarefas, uma posição que se mantém mesmo quando os projetos mudam e os ambientes de trabalho são outros. De alguma forma, esse posicionamento firme, que descreve e valoriza sua profissão e que o situa na construção identitária que configura a CNEA, se repete em sua trajetória. A decisão de não fazer trabalho de laboratório se manteve ao longo do tempo. Sua *paixão* continuou vinculada à gestão de projetos de tecnologia, à negociação de produtos tecnológicos e ao desenvolvimento de tarefas gerenciais na indústria ligada ao setor nuclear.

Entretanto, não é esse contexto do início de seu trabalho na CNEA que reúne, da forma mais significativa, as categorias da emoção em sua biografia, aquele sobre o qual mais nos informa através delas. Embora a descrição dos seus primeiros anos na instituição seja mediada por categorias emotivas que fornecem pistas sobre práticas, identidades, projetos e alguns processos, o período cujo contexto interpreta de maneira mais emocional é outro: o período de seu regresso após o exílio, em relação com sua experiência pessoal da última ditadura militar argentina.

“É que depois, quando voltei buscando trabalho, fui parar na [uma empresa importante] na qual o chefe de pessoal era um ex-milico com uma filha desaparecida (...) procuro esse sujeito e ele me diz: ‘veja, quero expor a você para ver se você está de acordo, para dar seguimento ao seu pedido de emprego tenho que pedir informações sobre você na SIDE¹⁰, quero saber se você concorda que eu faça isso, porque, uma vez que baixem o arquivo, vão olhá-lo e dependendo do que encontrarem pode acontecer alguma coisa ou pode não acontecer nada, não sei’ (...) estávamos em uma época em que eu não me sentia particularmente seguro e lhe disse que sim, que apenas gostaria de saber o que dizia o arquivo (...) bom, volto lá e ele me diz: ‘bom, aqui está o que diz o arquivo’, e me dá um papelzinho escrito à máquina, olho o papelzinho escrito à máquina e já não me lembro, infelizmente não o pedi a ele, estava tão nervoso que o li e dizia isso e o devolvi, sentia que estava em um terreno em que não se conhecem os limites, e não sabia como lidar com o sujeito, não sabia o que podia falar e o que não podia, me sentia muito inseguro, devolvi o papelzinho a ele e fui embora”.

Conforme já antecipava a síntese de sua trajetória profissional, Joaquín volta para a Argentina meses antes do início da democracia. Uma das primeiras tarefas com que se depara, após a volta, é a busca de trabalho. É nessa busca e na sua leitura sobre suas possibilidades e dificuldades para reinserir-se profissionalmente que Joaquín concentra um repertório emocional ligado ao contexto. Na verdade, alguns elementos desse repertório já estavam presentes na descrição de sua participação profissional e política nos anos 1970, mas, nesse caso, o relato estava mais concentrado na descrição de um coletivo social ancorado na CNEA. No caso dessa busca posterior de trabalho, por sua vez, a emoção recupera aspectos de uma transição política nacional que o envolve pessoalmente.

O fragmento citado de seu relato exemplifica, na insegurança que o perpassa, uma ambiguidade da época. Uma época que anunciava mudanças – eleições nacionais, provinciais e municipais e, com elas, a volta da democracia ao país –, mas que, ao mesmo tempo, enfrentava uma estrutura de poder de traços autoritários que continuava afetando aspectos distintos da sociedade. Nesse contexto, pessoas que haviam ido embora da Argentina,

¹⁰ Secretaria de Inteligência do Estado.

mais ou menos forçosamente, encaravam um regresso nostálgico, por vezes idealizado, porém com necessidades concretas, tais como encontrar meios de sobrevivência. Esse retorno os colocava, como no caso de Joaquín, na interseção entre as velhas estruturas ainda em funcionamento – o levantamento de antecedentes na inteligência estatal para conseguir um emprego em uma empresa privada, por exemplo – a evidência de seus efeitos sobre suas trajetórias particulares – figurar em uma lista negra, entre eles – e a expectativa de um novo começo que permitisse retomar parte dos avanços tecnológicos – mas também ideológicos e políticos – que tiveram que ser abruptamente abandonados.

“É esse sentimento que te disse, não? Em seguida, vou falar com esse advogado e ele me diz; ‘se a INVAP vai para a frente você terá um futuro brilhante, vá’. O sentimento que tive era que estavam me dizendo vá em frente, velho, e foda-se, mas vai longe (...) ao final decido que venho para Bariloche e me contrataram na INVAP (...) venho para Bariloche, veja que eu numa época queria vir morar em Bariloche, mas tive uma sensação amarga como se fosse um segundo exílio (...) O sentimento que sempre tive na INVAP, o sentimento meu, possivelmente estava muito perseguido, mas lá me consideravam, era um sujeito como uma vez me disseram de confiança, por assim dizer, no sentido que não era um sujeito que iria te foder nem fazer nenhuma sacanagem, mas não confiável (...) O sentimento era um pouco que me tinham ali como se estivesse meio isolado, como se fosse para estar aqui sob controle fazendo coisas que precisavam que eu fizesse (...) como se alguém dissesse olha, esse aí, mantenham-no ali”.

Assim, Joaquín descreve – e comunica durante nossa conversa – sua continuidade profissional e alguns aspectos da instituição em que trabalha em termos de *sentimento*. O sentimento de que lhe deram um trabalho porque para isso teria que afastar-se de Buenos Aires, de que o obrigaram a um segundo exílio – ainda que em um lugar antes desejado – para mantê-lo à distância, para mantê-lo preso. Um sentimento que nos fornece pistas sobre, além do desconforto de Joaquín com o que lhe acontecia pessoalmente, os efeitos da última ditadura militar na CNEA e no lugar atribuído a Bariloche na dinâmica institucional. Diante de um discurso oficial que sustenta que, apesar de alguns desaparecidos e demitidos, a CNEA floresceu durante a última ditadura (HURTADO, 2009), Joaquín traz outros aspectos com sua história. Seus sentimentos explicitam a natureza verticalizada da tomada

de decisões da instituição e, por sua vez, um funcionamento corporativo que aceita sua volta, mas o envia, em uma espécie de novo exílio, para o norte da Patagônia.

Ariel

Ariel cresceu nas ruas do espaço que delimita o Centro Atômico Bariloche, um dos centros de pesquisa e desenvolvimento pertencentes à CNEA, situado na cidade de Bariloche. Passou boa parte de sua infância nos terrenos e moradias pertencentes ao centro, no qual seu pai trabalhava. Ali, mais precisamente no instituto de formação que funciona no mesmo prédio, após alguns anos de estudo fora de Bariloche, se formou em Física, em fins dos anos 1980¹¹. Ali também, posteriormente, defendeu sua tese de doutorado. Já doutor, realizou estágios de pós-doutorado consecutivos em dois centros altamente conceituados da França e da Alemanha. Sua volta a Bariloche, em fins dos anos 1990, foi desejada e marcada por uma busca difícil por um emprego fixo na área de pesquisa científica. Essa busca finalmente resultou na obtenção de um cargo de pesquisador no Centro Atômico Bariloche – mais precisamente em um laboratório que ele mesmo montou graças a recursos e instrumentos que trouxe ou que obteve no exterior – para desenvolver linhas de trabalho inéditas na instituição. Ao mesmo tempo, Ariel trabalhava como professor no mesmo instituto de formação onde havia estudado.

Entrevistei Ariel algumas semanas depois de ter conversado com Joaquín. Também o conheci no momento da entrevista. Conversamos em sua sala situada em um canto do laboratório experimental que conseguiu montar ao voltar para a CNEA após sua trajetória pós-doutoral na Europa, um laboratório com várias equipes, porém já vazio devido à hora – e pela falta de pesquisadores, conforme me confessaria mais adiante. Um laboratório que Ariel mostra com orgulho e do qual se sente *dono e livre para fazer as coisas que quer*.

¹¹ O Instituto Balseiro é um centro de formação em Física e Engenharia que está vinculado à CNEA e à Universidad Nacional de Cuyo. Situa-se no espaço do Centro Atômico Bariloche, com o qual compartilha funcionários e infraestrutura.

“Essa ruptura, de ir embora desse lugar que era um grande útero no qual estava toda a felicidade, sempre foi dolorosa, creio que isso também marcou o fato de que quando fui estudar no exterior, esse lugar e Bariloche como um todo eh, atraía muito e meio que me influenciou para querer voltar para Bariloche (...) ir embora era uma coisa muito traumática”.

O diálogo que mantive com Ariel foi perpassado pela caracterização – também atravessada por marcas de emoção – de um *aqui*. Um aqui cujo referente não é tanto a CNEA em si mesma, mas o Centro Atômico Bariloche, o lugar onde trabalhava e, ao menos naquele momento, residia com sua família – mulher e dois filhos pequenos. Um *aqui* que, às vezes, também supera os limites do espaço desse centro de pesquisa, desenvolvimento e formação e se estende à cidade de Bariloche, às características de sua paisagem patagônica, à memória nostálgica dessa cidade de pouco mais de 100.000 habitantes situada a 1.600 quilômetros a sudoeste da capital, ou melhor dizendo, de sua Bariloche de 20 ou 30 anos atrás. Nesse *aqui* onde passou boa parte da vida, onde estava – como afirma – *toda a felicidade*, de onde *doía* e era *traumático* sair. Um aqui para onde decidiu finalmente voltar para estabelecer-se em caráter definitivo. Enfim, um *aqui*, uma ancoragem de vida que excede sua dimensão especificamente de trabalho, que orienta inclusive sua escolha de profissão.

No relato de Ariel, a emoção caracteriza mais sua própria biografia que ao coletivo de pertencimento ou ao clima da época, como no caso de Joaquín (seu início na CNEA, seu regresso do exílio). As categorias referentes à emoção atravessam a descrição de sua vida profissional e extraprofissional – que traz repetidamente, ainda que o roteiro da entrevista estivesse centrado na trajetória profissional. Referem-se aos vínculos com a família, com amigos ou com lugares, a decisões de caráter mais pessoal. Também de forma diferente de Joaquín, cuja emoção informava sobre o tipo de projetos nos quais trabalhava, os diversos compromissos profissionais na instituição ou sua militância política durante os anos 1970, é nessas dimensões mais íntimas – sua relação com a infância e os primeiros estudos, suas dúvidas e a escolha da profissão, o vínculo familiar – que Ariel reflete sobre e imprime a emoção na conversa.

Entretanto, o *aqui*, incluído com a intenção de expressar fundamentalmente aspectos ligados a uma reflexão biográfica, bem como os vínculos e eventos de natureza mais íntima, remete também a coletivos sociais. Ao menos fala, na experiência de Ariel, do reconhecimento de

sentidos que remetem a formas de pertencimento coletivo.

“Meu medo é que daqui a algum tempo isso já não exista mais, a essência, você entra em um *College* de Oxford e a tradição está por toda parte e as pessoas que chegam de alguma maneira são embebedas por essa tradição. Antes era assim aqui, tenho a sensação de que essa tradição está se perdendo”.

O *aqui* que *antes era assim* é o próprio Centro Atômico Bariloche. O dono dessa essência que Ariel resgata, ao mesmo tempo que teme que já não exista mais, dessa tradição, é o centro de pesquisa – e o instituto de formação associado – onde cresceu, estudou, onde realizou suas primeiras experiências de laboratório, onde agora trabalha. Ao contrário de Joaquín, o pertencimento afirmado por Ariel, onde se para, duvida ou teme, não é a CNEA – instituição à qual tanto o Centro Atômico Bariloche quanto o Instituto Balseiro pertencem. É esse âmbito mais reduzido que Ariel – como outros – define como distante e excepcional. Um âmbito que reúne diferentes projetos de produção tecnocientífica mas que, apesar dessas diferenças – disciplinares, temáticas, de objetivos e tipos de projetos, entre outras –, às vezes conflitantes, atribui uma dinâmica identitária que os agrupa como um coletivo definido. Um coletivo que, além disso, se particulariza em termos genealógicos e de critérios de pertencimento relativos à própria CNEA, a instituição maior da qual depende financeira e organicamente (SPIVAK L’HOSTE, 2010).

“Quando me formei estava em crise muito forte e me perguntava o mesmo, porque estudei Física e recentemente 10 anos depois de formado as coisas começaram a funcionar e comecei a ver que havia coisas que tinham a ver com coisas que eu gostava”.

Assim como Joaquín, Ariel também fala de crise – que afirma vivenciar tanto no plano profissional como pessoal – e de uma escolha profissional que implicava fazer coisas que queria fazer, que deram sentido a sua escolha de profissão. Embora as crises relativas à prática profissional que os entrevistados mencionam se refiram a realidades distintas, ambas estão ligadas a decisões relativas à carreira científica e à instituição de pertencimento, assim como a formas de viver e interpretar cada trajetória de trabalho. Mas, ao contrário de Joaquín, Ariel fala a partir de um presente que descreve como de nova crise e cuja descrição, mediada por categorias

ligadas ao medo e à angústia, permite colocar em evidência alguns aspectos e leituras de contextos.

“A cada vez que um colega vai embora, além de sentir uma angústia tremenda, me volta a minha própria situação, no ano passado me ofereceram trabalho na Alemanha no Max Plank e eu disse que não porque não me via morando na Alemanha mas quando todo mundo à minha volta está começando a ir é como se toda a angústia me voltasse, não é?”.

Realizei o período de trabalho de campo em Bariloche, do qual extraí essas entrevistas no início de 2002. A Argentina, em decorrência de vários anos de dificuldades econômicas, financeiras e políticas, acabava de viver um mês de dezembro trágico. Um dezembro que começou com fortes restrições econômicas, trocas de ministros, marchas e manifestações sociais e que terminou com a declaração, por parte do governo nacional, de um estado de sítio, manifestações com repressão, uma vintena de mortos e a renúncia do presidente eleito dois anos antes. Naquele início de ano a situação não tinha perspectivas de pronta solução. E o *temor*, a *angústia* que atravessa o relato biográfico-profissional de Ariel – e não o de Joaquín – está muito relacionada com esse contexto que a produz como emoção (JENKINS; VALIENTE, 1995) e do qual, assim mesmo, nos fala.

Os anos que antecederam esse mês de dezembro foram anos de deslocamentos da distribuição de cargos e responsabilidades, de privatizações e de ajustes de orçamento, de abertura comercial e acentuação da crise industrial, de consolidação das desigualdades sociais (BISANG *et al.*, 1996, AZPIAZU *et al.*, 1999, BASUALDO, 2003; SCHORR, 2004). Nas instituições científicas – entre elas, a própria CNEA – esses ajustes se refletiram em redução de pessoal ou de cargos, ajustes salariais ou limitações para conceber ou desenvolver qualquer projeto (HURTADO, 2010). A CNEA em particular se viu afetada pela redução de suas funções e responsabilidades. De fato, a partir do ano de 1994, por determinação de uma lei nacional, a instituição deixou de ter a seu encargo o controle do funcionamento das centrais nucleares – que ficariam livres para uma possível privatização que nunca se concretizou assim como da regulamentação no campo nuclear que passou para as mãos de um novo organismo – e diminuiu abruptamente seu quadro de funcionários graças às aposentadorias voluntárias e à falta de abertura de concursos voltados para a criação de novos postos de trabalho (HURTADO, 2012).

As emoções expressas por Ariel na entrevista remetem a esse contexto geral, informando sobre ele a partir da experiência de seus efeitos na dinâmica institucional e em seu cotidiano e vínculos relativos ao trabalho. Em contraste com o clima apaixonado evidente no início do relato de Joaquín, Ariel fala de um horizonte de pessimismo impresso em seu temor repetidamente mencionado. Um temor relativo à sobrevivência da instituição em que atua – mais ao Centro Atômico Bariloche do que à CNEA como um todo –, mas ainda mais acentuado em relação às possibilidades de crescimento profissional no futuro. Um temor que enseja, além disso, a enumeração de um conjunto de estratégias, realizáveis ou projetadas, próprias ou de outros colegas, que o orientam a repensar o que fazer quando as condições de trabalho – salários, infraestrutura, recursos materiais, viabilidade de projetos – não se ajustarem às suas perspectivas profissionais. Estratégias de trabalho que vão desde trabalhar em outras atividades fora da instituição até reorientar a carreira ou abandonar o Centro Atômico Bariloche para continuar a trabalhar em instituições dos países centrais.

A leitura que Ariel faz dessas estratégias que define como pessoais – em contraste com a falta de uma lógica institucional que permita resolver ao menos alguns aspectos dessa conjuntura para os quais ele mesmo chama a atenção – está mediada pelo prisma emocional. A *angústia*, a *decepção*, a irritação e o reiterado *temor* que ter conhecimento delas lhe provoca o fazer repensar suas próprias opções, despertando dúvidas quanto às decisões e pensando em reconsiderar outros horizontes para desenvolver sua carreira.

Mas não é somente a leitura das estratégias distintas que o desvia para essa direção.

“Há uma deterioração institucional muito grande, ou seja, as pessoas vão embora muito irritadas com o sistema (...) Acho que se perdeu muito e que é preciso o tempo todo ficar redefinindo o que faço, para que faço, se tem sentido fazê-lo, até mesmo dentro da comunidade antes era claro porque o fazíamos e estávamos nos protegendo e nos cumprimentavam quando uma coisa saía bem”.

Seu temor também expressa seu incômodo em relação a determinadas transformações entendidas como perdas que percebe na dinâmica institucional. Transformações que, ainda que vistas à luz desse momento de crise do país, não resultam exclusivamente dela. As referências anteriores à importância da tradição na instituição voltam a ganhar sentido. O que antes

vivia no cotidiano – sentia – ligado a um consenso sobre o passado e a um sentido de comunidade (SPIVAK L’HOSTE, 2010), essa particularização genealógica e identitária que, como dizia antes, orientava tarefas, sustentava valores e celebrava êxitos individuais e coletivos, parece ter sido objeto de transformação. De *deterioração do sistema*, nos diz Ariel. É essa deterioração, que põe em dúvida o sentido da profissão, dos projetos, de possibilidades de desenvolvimento profissional, o que se deduz da irritação dos que vão embora.

Daqueles que vão embora atraídos pela possibilidade de melhorar suas condições de trabalho – às vezes somente, na verdade, com a possibilidade de conseguir um trabalho -, mas zangados com as restrições que encontram para desenvolver-se no lugar onde se formaram e/ou queriam trabalhar. Restrições que afetam tanto esses desenvolvimentos profissionais que devem buscar novos caminhos para a forma como a rede de vínculos que configura o coletivo social molda esse centro de pesquisa e formação que está obrigado a redefinir-se ajustando orçamentos, projetos, hierarquias e relações como modo de negociar sua própria existência.

Palavras finais

Pouco mais de 10 anos se passaram desde esses encontros e conversas com Joaquín e Ariel. Suas vidas atuais e seus marcos contextuais são outros. Sua maneira de interpretar essas realidades, como ficou evidente em conversas posteriores que tive com cada um deles, também já não é a mesma. Porém, os repertórios de emoções que se articulam nessas velhas entrevistas, seja pelos contextos socioeconômicos nos quais se situa o encontro, seja pelas evocações que provocou, em um dado momento de suas vidas, a pergunta sobre a trajetória profissional, justificam revisitá-las sob essa nova perspectiva.

O que é que podemos apreender a partir dessa emoção que expressa, em seus relatos, suas leituras sobre processos, ações, vínculos ou projetos? É essa a pergunta subjacente a essa nova visita analítica a esse material de campo. Segue, assim, uma tentativa de oferecer algumas respostas à guisa de conclusão.

Em primeiro lugar, as emoções, ou traços visíveis do emocional como sugere Ahmed (2004) se articulam nas entrevistas de forma que nos permite perceber formas de pensar a si mesmo e de se posicionar diante

das práticas e das responsabilidades da profissão e do pertencimento a uma instituição. Formas de pensar a si mesmo e de se posicionar que, além disso, variam segundo cada entrevistado ou, até mesmo, em relação ao momento da trajetória a que estejam se referindo. Essas formas de se pensar e se posicionar que se explicitam também a partir da emoção, sua própria variação em função da situação ou do tempo, nos dão pistas sobre aspectos distintos que moldam a experiência de cada entrevistado em relação à dinâmica institucional e em conexão com o entorno. Entre esses aspectos, nos dá pistas sobre a construção de práticas e sentidos que unem a trajetória profissional a outras dimensões de cada biografia, convertendo a distinção entre vida pessoal e trabalho em um objeto a se problematizar em relação às áreas específicas de investigação. Além disso, as formas de pensar a si mesmos e de se posicionar no seio da instituição evidenciadas nos relatos de Joaquín e Ariel explicitam aspectos das posturas e relações geracionais no ambiente da instituição – em relação também com aquilo que se passa fora dela –, sobre as tensões e acordos que embasam estratégias e objetivos de trabalho, sobre a maneira como são vividas e interpretadas conjunturas históricas específicas e sobre os efeitos que essas têm sobre o valor atribuído aos projetos em execução, assim como sobre o cenário que se desenha ou projeta para o futuro.

Entretanto, a recorrência de categorias da emoção nos relatos não apenas fornece pistas sobre experiências no seio da instituição ou sobre configurações e dinâmicas institucionais. Em segundo lugar, ela nos permite perceber elementos dos contextos que marcaram essas experiências, configurações e dinâmicas. Isso é, elementos que nos informam sobre os eventos marcantes e os momentos específicos nos quais se dão os sucessos que Joaquín e Ariel contam ao narrar suas trajetórias. Mas não é apenas informação o que surge em seus relatos. Os entrevistados, através de suas palavras e emoções, ou de suas emoções feitas palavras, nos permitem identificar também – o que talvez seja mais importante para os propósitos de uma análise etnográfica de seus relatos – aqueles contextos que se tornam particularmente significativos em cada experiência individual, que as fundem com diversas formas de coletivos e que as conectam com dinâmicas socioeconômicas e políticas particulares. Trata-se, de toda forma, de elementos que permitem reconstruir esses contextos específicos aprofundando, por sua vez, o vínculo com as experiências particulares e trajetórias que neles são percorridas.

Referências

- ABU-LUGHOD, Lila.
(1986). *Veiled sentiments. Honor and Poetry in a Bedouin Society*. Berkeley, University of California Press.
- ADLER, Emanuel.
(1987). *The Power of Ideology: the quest for technological autonomy in Argentina and Brazil*. Berkeley, University of California Press.
- AHMED, Sara.
(2004). Affective economies. *Social Text* 79, v.2, n. 22, p.117-139.
- AZPIAZU, Daniel; VISPO, Adolfo; GUTMAN, Graciela.
(1999). *La Desregulación De los Mercados*. Buenos Aires, Editorial Norma.
- BASUALDO, Eduardo.
(2003). Las reformas estructurales y el Plan de Convertibilidad durante la década de los noventa. El auge y la crisis de la valorización financiera. *Realidad Económica*, n. 200, p.s/n.
- BISANG, Roberto; BONVECCHI, Carlos; KOSACOFF, Bernardo; RAMOS, Adrián.
(1996). La transformación industrial en los noventa. Un proceso con final abierto. *Desarrollo Económico*, v. 36, n. especial, p.187-216.
- BUSH, Vannevar.
(1999 [1945]). Ciencia la frontera sin fin. *Redes Revista de Estudios Sociales de la Ciencia*, n.14, p.89-137.
- CRAPANZANO, Vincent.
(1994). Reflexions sur une anthropologie des emotions. *Terrain*, n. 22, p.109-117.
- HARDING, Jennifer; PRIBAM, Deidre.
(2009). *A Cultural Studies Reader*. Londres, Routledge.
- HURTADO, Diego.
(2012). Cultura tecnológico-política sectorial en contexto semi-periférico: el desarrollo nuclear en la Argentina (1945-1994). *CTS - Revista Iberoamericana de Ciencia, Tecnología y Sociedad*, v.7, n.21, p.163-192.
- (2010). *La ciencia argentina. Un proyecto inconcluso: 1930-2000*. Buenos Aires, Editorial Edhasa.
- (2009). Periferia y fronteras tecnológicas. Energía nuclear y dictadura militar en la Argentina (1976-1983). *CTS - Revista Iberoamericana de Ciencia, Tecnología y Sociedad* v.5, n.13, p.1-33.
- (2005). Autonomy, even regional hegemony: Argentina and the "hard way" toward the first research reactor (1945-1958). *Science in Context*, v. 2, n.18, p.285-308.
- HURTADO, Diego; VARA, Ana.
(2007). Winding Roads to "Big Science": Experimental Physics in Argentina and Brazil. *Science, Technology and Society*, v.1, n.12, p.27-48.
- (2006). Political storms, financial uncertainties, and dreams of "big science": the construction of a heavy ions accelerator in Argentina (1974-1986). *Historical Studies in the Physical and Biological Sciences*, vol.2, n.36, p.343-364.
- HYMANS, Jaques.
(2001). Of Gauchos and Gringos: Why Argentina Never Wanted the Bomb, and Why America Thought It Did. *Security Studies*, v.3, n.10, p.153-85.
- JENKINS, Janis; VALIENTE, Martha.
(1995). Bodily transactions of the passions: el calor among Salvadoran women refugees. In: *Embodiment and Experience. The Existential Ground of Culture and Self*. Cambridge, Cambridge University Press.
- LEAVITT, John.
(1996). Meaning and feeling in the anthropology of emotions. *American Ethnologist*, n.23, p.514-539.

- LE BRETON, David.
(2004). *Les passions ordinaires: anthropologie des émotions*. Paris, Payot.
- LEWIS, Michael; HAVILAND-JONES, Jeannette; BARRETT, Lisa Feldman.
(2010). *Handbook of Emotions*. Nueva York y Londres, The Guilford Press.
- LÓPEZ DÁVALOS, Arturo; BADINO, Norma.
(2000). *J. A. Balseiro: crónica de una ilusión. Una historia de la física en la Argentina*. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica.
- LUTZ, Catherine; WHITE, Geoffrey.
(1986). The anthropology of emotions. *Annual Review of Anthropology*, n.15, p.405-436.
- REDDY, William.
(1997). Against constructionism. The historical ethnography of emotions. *Current Anthropology*, n.3, p.327-351.
- MARISCOTTI, Mario.
(1984). *El secreto atómico de Huemul. Crónica del origen de la energía atómica en la Argentina*. Buenos Aires, Editorial Sigma.
- ROSALDO, Michelle.
(1984). The shame of headhunters and the autonomy of self. *Ethos*, v.11, n.3, p.135-151.
- SABATO, Jorge; MARTIN, Jean Marie.
(1967). La construction d'une centrale nucléaire en Argentine et ses conséquences sur le processus d'industrialisation du pays. *Tiers-Monde*, v.31, n.8, p.723-730.
- SCHORR, Martin.
(2004). *Industria y nación. Poder económico, neoliberalismo y alternativas de reindustrialización en la Argentina contemporánea*. Buenos Aires, Editorial Edhasa.
- SPIVAK L'HOSTE, Ana.
(2012). De la ciencia fundamental a la construcción de reactores nucleares: narrativas identitarias en la Comisión de Energía Atómica argentina. In : *III Congreso Latinoamericano de Antropología (ALA)*. Anales del congreso. Santiago, Chile.
- (2010). *El Balseiro*. Memoria y emotividad en una institución científica argentina. La Plata, ediciones Al Margen.
- SURRALÉS, Alexandre.
(2005). Afectividad y epistemología de las ciencias humanas. *Revista de Antropología Iberoamericana*, n. especial, p.1-15.

Recebido em
dezembro de 2016

Aprovado em
março de 2017